

Biblioteconomia contemporânea: apontamentos e perspectivas

Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira
emanuelle.gaf@gmail.com

Carlos Alberto Ávila Araújo
carlosaraujofmg@gmail.com

Recebido em: 21 jul. 2023

Aceito em: 20 nov. 2023

Resumo

Desde a Antiguidade, a biblioteca, a Biblioteconomia e o processo de formação de bibliotecários ao atravessar as grandes mudanças históricas e tecnológicas, assimilou o contexto de diferentes realidades e assumiu perspectivas diferenciadas. Neste sentido, o presente artigo apresenta algumas perspectivas contemporâneas que tem transformado a maneira como teorizamos e praticamos a Biblioteconomia contemporânea. Configura-se como uma pesquisa de cunho exploratório e qualitativo e utiliza a identificação de textos sobre a Biblioteconomia contemporânea na base de dados BRAPCI para a constituição do presente texto. Assinalamos que a Biblioteconomia vem passando por constantes transformações em conformidade com a evolução social e tecnológica. Assim, podemos delinear três momentos que marcam as transformações da área: 1) de início, numa perspectiva que pode ser denominada como tradicional marcada pelo viés tecnicista, pelo acúmulo de grandes coleções e pelo edifício; 2) num segundo momento, temos uma Biblioteconomia voltada ao acesso, disponibilização e compartilhamento da informação; e, 3) o terceiro momento, marca a contemporaneidade, que privilegia a utilização do espaço da biblioteca para além do suporte informacional, buscando uma atuação mais participativa, colaborativa e voltada à aprendizagem e a construção do conhecimento pelas comunidades. Dentre os apontamentos e perspectivas contemporâneas da Biblioteconomia destaca-se o uso das bibliotecas como *markerspaces*, a Nova Biblioteconomia de Lanke e seu entendimento de que o conhecimento promove a melhoria social por meio da atuação dos bibliotecários como facilitadores e a concepção da biblioteca como "terceiro lugar". As bibliotecas no cenário atual mais do que nunca devem ocupar o seu lugar secular de promotoras da aprendizagem e da construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: biblioteconomia; biblioteconomia contemporânea; nova biblioteconomia; sociedade contemporânea.

Contemporary librarianship: notes and perspectives

Abstract

Since Antiquity, the library, Librarianship, and the process of training librarians, when going through major historical and technological changes,

assimilated the context of different realities and assumed different perspectives. In this sense, this article presents some contemporary perspectives that have transformed the way we theorize and practice contemporary librarianship. It is configured as exploratory and qualitative research and uses the identification of texts on contemporary Librarianship in the BRAPCI database to create this text. We point out that Librarianship has been undergoing constant transformations by social and technological evolution. Thus, we can outline three moments that mark the area's transformations: 1) initially, from a perspective that can be called traditional, marked by a technical bias, the accumulation of large collections and the building; 2) secondly, we have a Librarianship focused on access, availability and sharing of information; and, 3) the third moment, marks contemporaneity, which favors the use of library space beyond informational support, seeking a more participatory, collaborative action focused on learning and the construction of knowledge by communities. Among the contemporary notes and perspectives of Librarianship, the use of libraries as marker spaces, Lankes' New Librarianship and its understanding that knowledge promotes social improvement through the role of librarians as facilitators and the conception of the library as a "third party" stands out. Libraries in the current scenario, more than ever, must occupy their secular place as promoters of learning and the collective construction of knowledge.

Keywords: librarianship; contemporary librarianship; new librarianship; contemporary society.

1 INTRODUÇÃO

Da Antiguidade à contemporaneidade, a biblioteca, e, por conseguinte, a Biblioteconomia e seu processo de formação de bibliotecários, ao atravessar as grandes evoluções históricas e tecnológicas, assimilou o contexto de diferentes realidades e assumiu perspectivas diferenciadas. De início, a biblioteca, que podemos denominar como tradicional, que privilegiava a perspectiva tecnicista, com o acúmulo de grandes coleções e os edifícios; à perspectiva centrada no acesso e disponibilização da informação; a perspectiva que hoje se desenha na contemporaneidade, que privilegia o pertencimento e o empoderamento das comunidades por meio da construção do conhecimento e da utilização do espaço das bibliotecas para além do uso do livro como objeto fundamental para a existência das bibliotecas. Neste sentido, Perroti e Pieruccini (2007, p. 63) pontuam que foi necessário romper com o *conservacionismo* herdado da Antiguidade e da Idade Média e com o *difusionismo* moderno para atribuir novos valores e significados à assimilação e à difusão na contemporaneidade.

Targino (2010, p. 42) afirma que ocorreu uma “mudança de paradigma do acervo para a informação, do suporte físico para a informação, em que a biblioteca tradicional dá lugar à biblioteca ação cultural”. A autora afirma que o discurso preponderante era no sentido de suprir as demandas informacionais do usuário, independentemente do suporte informacional e de sua localização física ou virtual. Trabalhando com a perspectiva de paradigmas, Targino (2010) pontua que com o processo de comunicação, disponibilização da informação e apreensão de novos conhecimentos, estamos vivenciando o que ela nomeia como “novo paradigma informacional” ou “paradigma digital”.

De fato, vivenciamos um período voltado às tecnologias e inovações digitais que ampliaram o escopo das bibliotecas e a atuação do bibliotecário. O conceito de biblioteca, no contexto das redes, se ampliou podendo ser designada por uma

diversidade de terminologias, como bibliotecas eletrônicas, digital, automatizada, biônica, *without walls library* (sem paredes), não física, polimídia, ciberteca, *desktop library illimited*, que indicam a dinamicidade do contexto informacional. De acordo com Targino (2010, p. 42), a biblioteca virtual, independente do termo adotado, “permite ao leitor posicionar-se como ator e autor do processo de comunicação, graças à facilidade de obtenção de informações. A informação está, agora, em toda parte” (Targino, 2010, p. 42). No entanto, conforme pontua Lankes (2011, p. 13), o progresso tecnológico como fator único de mudanças é um argumento limitado.

Alguns atribuíram a natureza dinâmica do mundo do bibliotecário à tecnologia. A web, as redes sociais, os blogs, e assim por diante, dirão, mudaram totalmente o mundo, e os bibliotecários devem abandonar os velhos modos de pensar e abraçar o novo mundo de abertura, participação e assim por diante. Eu diria que a tecnologia realmente trouxe mudanças revolucionárias e de fato requer que os bibliotecários adotem (e, eu diria, crie) novas ferramentas. No entanto, ver a tecnologia como o único fator de mudança é míope ao extremo (Lankes, 2011, p. 3, tradução nossa).

Desse modo, a Biblioteconomia contemporânea se configura hoje com ações voltadas para as comunidades utilizando as diferentes potencialidades das tecnologias de informação e comunicação, sobretudo, aquelas voltadas para a interação e para o protagonismo social em rede, com interação e construção do conhecimento (Ferreira, 2016, p. 82). Assim sendo, ela deve ser entendida como um “conhecimento que contribui para o desenvolvimento da sociedade ao disponibilizar o acesso democrático à informação” (Ferreira, 2016, p. 169).

Diante do exposto, este artigo tem por finalidade apresentar algumas perspectivas contemporâneas que tem transformado a maneira como teorizamos e praticamos a Biblioteconomia contemporânea. Trata-se de um recorte de uma das reflexões suscitadas ao longo da tese de doutorado intitulada “A Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro” que teve como objetivo analisar elementos da Biblioteconomia brasileira à luz da perspectiva de Nova Biblioteconomia cunhada por Lankes (2011) e, para tanto, apresentou elementos da Biblioteconomia contemporânea que contemplam a perspectiva de Lankes. Desse modo, denominamos o presente estudo como uma pesquisa de cunho social, qualitativa e exploratória. A pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, o que podemos denominar como parte da realidade social (Minayo, 2009, p. 21). Por pesquisa exploratória, Minayo (2009, p. 17) pontua que se trata dos estudos em que o pesquisador propõe um novo discurso interpretativo para compreensão de determinada questão. Assim, adotamos como metodologia a identificação de textos sobre a Biblioteconomia contemporânea a partir de pesquisa na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

2 BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA: APONTAMENTOS INICIAIS

Tanus e Silva (2019) assinalaram que diversos autores brasileiros publicaram nas últimas décadas, sobretudo no fim da ditadura civil-militar (1964-1985), textos com discussões acerca do caráter social e da importância do afastamento da base tradicional da Biblioteconomia, o tecnicismo. Nesse sentido, a pesquisa realizada por Ferreira (2016, p. 169), evidenciou a presença da dicotomia entre a técnica e o humanismo da profissão, que no Brasil remonta a criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia do

país. A autora afirma que a dicotomia vem sendo reinventada com a inclusão das tecnologias de informação e comunicação.

Contudo, essas discussões retomaram chamando atenção para a necessidade de voltar o olhar para a condição social da Biblioteconomia brasileira. De acordo com Tanus e Silva (2019), os autores das publicações identificadas durante o estudo incitaram uma maneira de pensar a Biblioteconomia mais crítica, o que conduziu a diversas designações: "Biblioteconomia Guerrilheira; Biblioteconomia Subversiva; Biblioteconomia Crítica; Biblioteconomia Social; Biblioteconomia Progressista; Biblioteconomia Alternativa e Biblioteconomia Política" (Tanus; Silva, 2019, p. 6). Tais designações remetem as contradições do social, grupos e classes marginalizados dando a Biblioteconomia um caráter de mudança social. Nesse sentido, as autoras afirmam que o enlace desses termos que buscam uma Biblioteconomia mais preocupada com a construção de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária, contribui para a construção de uma "Outra Biblioteconomia". "Essa "Outra Biblioteconomia" vai ao encontro com a definição de "Nova Biblioteconomia" (LANKES, 2011)" (Tanus; Silva, 2019, p. 25). Essas designações representam a Biblioteconomia contemporânea, uma Biblioteconomia que anda de mãos dadas com a realidade social e que reconhece que a sua grande contribuição é oportunizar que a sociedade melhore a partir dos seus serviços informacionais e construção do conhecimento. Conforme assinalou Targino (2006, p. 92), "[...] a concepção da biblioteca se estende, incorporando elementos distintos, como a democratização, socialização e especialização".

Jesus e Cunha (2019) ponderam que o futuro próximo das bibliotecas e, acrescentamos da Biblioteconomia, é diferente do prospectado por autores do século XX, que relacionava o futuro as tecnologias e a digitalização completa do conhecimento. Pelo contrário, há uma visão reorientada aos valores sociais nas bibliotecas, proporcionado que elas atuem de forma a ser

[...] **mais participativa, mais colaborativa, ativa e não passiva em relação à informação.** É um futuro que busca se adaptar aos *millenials* e se fazer presente na vida de seus usuários de maneira mais eficiente, possibilitando novos acessos e diversificando seus meios de atuação (Jesus; Cunha, 2019, p. 330, grifo nosso).

Nesse sentido, os autores detectaram perspectivas contemporâneas concernentes às bibliotecas do futuro a concepção de biblioteca participativa, a confiança radical, a evolução da web, *makerspaces*, livros digitais interativos, redes sociais e mudança no perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas. A concepção de Biblioteca participativa, do inglês *participatory library*, está no escopo da denominada "confiança radical". De acordo com Jesus e Cunha (2019), o conceito confiança radical é oriundo da concepção dos softwares abertos e tem como princípio fundamental as diretrizes das Bibliotecas 2.0. "Refere-se ao crescimento do entusiasmo do bibliotecário com o uso de redes de comunidades online e colaborativas que permitem o empoderamento dos usuários" (Jesus; Cunha, 2019, p. 318). Assim sendo, dentre as características de uma biblioteca participativa estão à ideia de que os registros informacionais estariam disponíveis on-line e seriam localizados por meio de uma única pesquisa; o desenvolvimento de espaços de criação e colaboração, como os *makerspaces*. Ressalta-se que inicialmente, a teoria de R. David Lankes, seguia a ideia

de uma Biblioteconomia participava ampliando a concepção apresentada de biblioteca participativa.

A “Nova Biblioteconomia”, termo cunhado por R. David Lankes em 2011, com a publicação do *Atlas of New Librarianship*, postula que o papel do bibliotecário nas sociedades contemporâneas é o de estimular a criação de conhecimento colaborativo entre diferentes membros das comunidades, a promoção de ampla circulação dessa produção e, sobretudo, a atuação por uma apropriação crítica e plural desse conhecimento. A Nova Biblioteconomia nos propõe uma nova perspectiva para as bibliotecas ao trazer a visão de que bibliotecas deveriam ser como comunidades, pensando as pessoas e não os dispositivos que armazenam a informação. Corroborando com a Nova Biblioteconomia, Klinenberg (2018) utiliza o termo “infraestrutura social” para designar os espaços físicos que moldam a maneira como as pessoas interagem, como as bibliotecas. O autor afirma que as bibliotecas propiciam o encontro de pessoas com diferentes interesses para participar de uma cultura democrática viva, sendo o local propício para os setores público, privado e filantrópico poder trabalhar juntos.

Parada (2015, p. 77) realizou um estudo que denominou como “inventário facetado” acerca dos temas que estão a reconfigurar a Biblioteconomia na pós-modernidade. O autor pontuou que as bibliotecas têm se caracterizado por serem lugares onde não só leem os livros disponíveis como áreas onde o “espaço da biblioteca” evoluiu para se configurar como um “terceiro lugar de encontro¹”, onde é possível realizar uma diversidade de atividades, tais como a leitura tradicional, acesso à informação, lazer, inserção laboral diante do desemprego, devendo responder a essas novas formas de sociabilidade laboral que sobrepõem às formas de interagir nas redes sociais.

Lima, Terlizzi, Ferreira e Valls (2021) realizaram um estudo que consistiu em encontrar ações desenvolvidas por bibliotecas contemporâneas que demonstrassem a ressignificação do seu relacionamento com as comunidades, estando, assim, alinhadas com as discussões da área. As autoras assinalaram que tem sido latente na área a discussão em torno da “aproximação da biblioteca com a comunidade” e constaram com a realização da pesquisa que as bibliotecas contemporâneas têm desenvolvido ações comprometidas com as pessoas, proporcionando condições e oportunidades para o seu desenvolvimento no espaço das bibliotecas, ressignificando, assim, seu espaço e sua função perante a comunidade.

Ressignificação e impacto são palavras que dizem muito sobre a Biblioteconomia contemporânea, o impacto que a biblioteca e o bibliotecário exercem sobre e/ou com a comunidade e a ressignificação ao “auxiliar as pessoas a encontrarem nas bibliotecas, não somente livros, mas infinitas possibilidades para os seus percursos de construção do conhecimento e, conseqüente, desenvolvimento pessoal e comunitário” (Lima; Terlizzi; Ferreira; Valls, 2021, p. 28). Nesse sentido, Lankes (2016) defende o argumento de que precisamos de bibliotecas melhores e destaca que, tanto no passado quanto no presente, as bibliotecas impactam socialmente nos seguintes aspectos: agente de

¹ O sociólogo inglês Ray Oldenburg, publicou em 1989 o livro intitulado “*The Great Good Place*”, que nos trouxe um olhar sobre os locais de encontro ocasionais e sua importância para as cidades. A concepção de “terceiro lugar” é caracterizada como o local onde as pessoas socializam, se divertem, conversam e trocam ideias com outras pessoas (amigos ou “estranhos” que conhecem nesse ambiente) e no qual passam o tempo quando não no “primeiro lugar” que é caracterizado como a casa e o “segundo lugar” que é entendido como o local de trabalho.

compra coletiva; estímulo econômico; centro de ensino; rede de segurança; gerenciador de patrimônio cultural; Berço da democracia; e, símbolo das aspirações da comunidade.

Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar que a biblioteca enquanto instituição milenar é fundamentalmente social e juntamente com o movimento do progresso das sociedades se transmuta. Nesse sentido, conforme pontua Targino (2010, p. 40), "a biblioteca não está a margem da sociedade". Desse modo, as bibliotecas são instituições que contribuem com a preservação e disseminação da memória e da herança cultural nacional contribuindo para que o desenvolvimento tecnológico não estimule a valorização de ideias importadas em detrimento do que é construído no Brasil. "A revolução tecnológica ou as revoluções tecnológicas caminham, simultaneamente, com a história da humanidade. O avanço científico e tecnológico tem sempre a sociedade como referência" (Targino, 2010, p. 40).

Parafraseando Umberto Eco, com o título de sua obra "Não contem com o fim do livro", pode-se afirmar: não contem com o fim das bibliotecas. Conforme menciona Edson Nery da Fonseca (1962, p. 105), "na era da automação haverá lugar para todos os meios de informação e de comunicação, mesmo os mais antigos como o livro. Pois, afinal de contas, como afirmou Mallarmé, "tudo existe para acabar em livro"", mesmo que o suporte do informacional do livro não seja o tradicional impresso.

A evolução tecnológica, na verdade, contribuiu com o processo evolutivo das bibliotecas, não em caráter de substituição, mas no sentido de proporcionar uma otimização dos produtos e serviços oferecidos secularmente por essa instituição. Assunção e Reis (2012) assinalam que os livros sempre assumem posição de destaque nessa polêmica como se as bibliotecas existissem em função de um suporte físico informacional, quando podemos observar que a Biblioteconomia contemporânea tem discutido o fato de as bibliotecas existirem em função do conhecimento que possibilitam construir e da informação que deve ser preservada e compartilhada, independente do suporte, físico ou digital.

Assunção e Reis (2012) pontuam que a evolução tecnológica tem levado as bibliotecas a um processo de desmaterialização da informação e do conhecimento, o que não significa que ocasione o desaparecimento das bibliotecas, apenas uma metamorfose que tais instituições vêm sofrendo ao longo do seu desenvolvimento. Nesse sentido, Lankes (2011) pontua que as bibliotecas não precisam ter livros para se constituírem como bibliotecas, o que as torna biblioteca não é um acervo repleto de livros. Uma sala vazia seria uma biblioteca se nela houvesse a presença de um bibliotecário engajado com a comunidade e voltado ao conhecimento, para além do suporte informacional, afinal, há dados e informações disponíveis na palma das mãos com os dispositivos móveis. Desse modo, o que se configura como biblioteca é o espaço favorável para o diálogo e construção de conhecimento. Alejandro Parada (2015, p. 77) acredita que a palavra "biblioteca" já não reproduz a miríade de atividades que hoje se desenvolvem e que talvez o futuro nos reserve uma extensão ou um novo adjetivo para descrever a biblioteca emergente que já é uma realidade.

No entanto, se as concepções da instituição biblioteca se alteram ao sabor das mutações da sociedade da informação ou sociedade do conhecimento ou sociedade da aprendizagem, como querem alguns, decerto, muito mais do que a tipologia em si ou a denominação dada à biblioteca, o que determina a adoção de paradigma x ou y por determinada instituição é a forma de atuação. Isto significa que, em pleno século XXI, em meio ao domínio

irreversível do fluxo informacional contínuo e inesgotável, é possível encontrar, em diferentes países e em diferentes localidades, a nomeada biblioteca tradicional (Targino, 2010, p. 43)

Assim, a biblioteca é uma instituição social que propicia a comunidade atendida espaço para desenvolvimento social e, sobretudo, para aprendizado, que independe das coleções mantidas. No entanto, há uma questão social no contexto brasileiro que requer a reflexão sobre o fato das bibliotecas serem instituições reconhecidas discursivamente por sua contribuição, sobretudo, na aprendizagem e na cultura, mas serem um espaço ignorado pelo poder público e pela sociedade. A imagem das bibliotecas traz ao imaginário social a ideia de conhecimento e status social, conforme podemos ver em campanhas publicitárias, de setores privados e públicos, mas isso não se reflete no engajamento social a favor das bibliotecas. Targino (2010) reforça essa análise ao mencionar que

Questionados sobre a importância da biblioteca nas escolas, nos institutos de pesquisa, nas universidades etc., não há administrador que refute seu valor. No momento das decisões, os cortes orçamentários, a designação de servidores imprestáveis ou a indicação de nomes políticos para as chefias dessas instituições desmentem as palavras vãs de muitos administradores e governantes. Contra essa postura, não há paradigma que resista à inoperância e ao desvirtuamento das bibliotecas como centros de ação cultural (Targino, 2010, p. 41).

Tal fato, que não é recente na história das bibliotecas brasileiras, reforça a necessidade de atuação da Biblioteconomia, independente da nomenclatura que a acompanhe – Nova Biblioteconomia, Biblioteconomia Social, Biblioteconomia Crítica etc. seja próxima e parceira da comunidade, em conformidade com as necessidades e demandas sociais e, para isso, requer uma postura nova do bibliotecário (Targino, 2010; Lankes, 2011). De acordo com Carneiro e Saro (2009, p. 429), numa sociedade baseada na informação e no conhecimento, a ausência de serviços e infraestrutura pública é um obstáculo para a aprendizagem quando não satisfaz as necessidades presentes e futuras de informação. Nesse sentido, Targino (2010, p. 41) pontua que deve haver predisposição dos profissionais da área em consolidar a biblioteca como tal e “vontade política para acioná-las como verdadeiros centros de aprendizagem”.

2.1 ATUAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS CONTEMPORÂNEOS

Antes de se ater às perspectivas da Biblioteconomia contemporânea, faz-se necessário refletir acerca da atuação de quem faz a área e a profissão: o bibliotecário. Assim sendo, começar essa seção refletindo porque manter o uso do termo “bibliotecário” aliado ao seu compromisso social, pensando em uma Nova Biblioteconomia para a sociedade contemporânea é dar valor à nossa trajetória progressiva e ao futuro que estamos construindo no presente. Lankes (2011) afirma que as palavras “biblioteca” e “bibliotecário” são poderosas não só porque evocam uma tradição, mas porque estão entrelaçadas com o conceito de conhecimento e aprendizado. Nesse sentido, David Nemer, durante a conferência de abertura do XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, afirma que os bibliotecários fornecem “a todos nós, as matérias-primas da educação cívica. Historicamente, essa

tem sido sua contribuição para o projeto democrático, e continua sendo” (Nemer, 2019, p. 10).

Compete, assim, ao bibliotecário, além de realizar um trabalho técnico altamente qualificado através de planejamento administrativo e de programas culturais; fomentar a cooperação e o intercâmbio entre bibliotecas, entre os próprios profissionais da área, bem como com outras instituições interessadas; exercer o trabalho de equipe, compartilhando com os bibliotecários e outros profissionais o caráter interdisciplinar e sistêmico da profissão; contribuir para o treino da compreensão da leitura e para o gosto da leitura; colaborar no planejamento e na avaliação do processo ensino-aprendizagem; enfim, ser um agente da educação para a comunidade e um agente político atuante que contribua para o rompimento dos mecanismos da ideologia dominante para com a informação (Macedo, 1986, p. 216).

No presente momento, a compreensão do compromisso do bibliotecário se intensifica ao mesmo tempo em que deve ser ressignificada. De acordo com Macedo (1986), o papel da Biblioteconomia e dos bibliotecários está voltado para a mudança. Caldin (2005) afirma que o bibliotecário tem de deixar de lado seu papel passivo, de mero processador técnico de livros e desempenhar um papel mais ativo: agente de mudanças sociais. Corroborando a Macedo (1986) e Caldin (2005), Targino (2006, p. 72) aponta o bibliotecário como “autor de mudanças sociais”, mas partindo do princípio de que o objeto da profissão é a informação e os bibliotecários devem agir como catalisadores e difusores do conhecimento dentro da comunidade. De acordo com a autora, advém de tais papéis o potencial do bibliotecário como agente político e propulsor de mudanças sociais. Nesse sentido, Lankes (2011) afirma que o objeto da profissão não é a informação, tampouco dar acesso à informação. O autor pontua que o bibliotecário está no “negócio do conhecimento”.

De tempos em tempos, tenho ouvido perguntas e debates sobre o valor do termo “bibliotecário”. Devemos mudá-lo (para cibernético, profissional da informação, consultor de informação, informacionista, etc.)? Minha resposta é sempre não. “Mas”, dizem eles, “somos uma das únicas profissões com o nome dos prédios em que trabalhamos” [...] raiz latina da biblioteca, “liber”, era originalmente a palavra para a casca interna de uma árvore (que era usada como papel), e os bibliotecários não estão no ramo da casca” (Lankes, 2011, tradução nossa).

Na literatura da área, podemos encontrar vários autores discutindo acerca da atuação do bibliotecário e sobre as inovações da área. Pode-se afirmar que há um consenso de que, independentemente do local de atuação, os bibliotecários contemporâneos precisam acompanhar as inovações sociais e os movimentos em prol da democratização da informação e construção do conhecimento. Todas as mudanças sociais e tecnológicas que ocorreram nos últimos anos, impulsionaram mudanças no modo de fazer e exercer a Biblioteconomia. Muitos aspectos do trabalho do bibliotecário, sobretudo, a parte técnica da profissão foi aprimorada de modo a facilitar ainda mais o trabalho colaborativo com outros profissionais da área.

No entanto, mesmo diante de tanto acesso a recursos e inovações tecnológicas, não se pode perder de vista o elemento primordial do trabalho dos bibliotecários: as pessoas, a comunidade a ser atendida. A virtualização que temos acompanhado, não tem acontecido de forma igual, no contexto brasileiro. Uma camada da população tem

acesso a tecnologias de ponta, enquanto a outra camada que ainda necessita de recursos básicos para sua existência. Esse contexto se configura como um desafio social para a Biblioteconomia brasileira que não se pode ficar imersa no seu ambiente de trabalho ignorando a realidade social de seu público. “Os bibliotecários de hoje estão utilizando as lições que aprenderam ao longo de aproximadamente três mil anos de história para construir uma nova biblioteconomia que não seja baseada em livros e outros artefatos, mas no conhecimento e na comunidade” (Lankes, 2016, p. 22).

Assim sendo, os valores perduram, enquanto as habilidades vêm e vão. Nossas habilidades são um meio e não um fim. Contudo, não devem ser ignoradas. Lankes (2011) trabalha com categorias amplas de habilidades: 1) Competências: abordagens amplas e duradouras para cumprir nossa missão, como acesso, conhecimento e motivação; 2) Habilidades: meios menos amplos e menos duráveis de cumprir as competências, como a organização da informação; 3) Tecnologias e técnicas: meios e processos específicos empregados nas habilidades, os quais mudam frequentemente.

Neste ponto ressaltamos que por mais que as ferramentas sejam vistas como categorias secundárias, Lankes (2011) não descarta sua importância na atuação do bibliotecário. O autor lembra-nos de que estamos no negócio do conhecimento, mas ainda vivemos na era da informação, o que implica a percepção de que o conhecimento das tecnologias digitais nos permite alcançar as comunidades e interagir com elas, além do que os meios de facilitar conversas estão cada vez mais "se digitalizando". Conforme pontuou Macedo (1986), o bibliotecário deve ter suas habilidades técnicas afinadas com as demandas tecnológicas do presente momento, mas sem ignorar sua posição de agente político e condutor de transformações sociais das comunidades.

Muitos bibliotecários revivem a história e estão presos num conservadorismo profissional que privilegia o que eles fazem em detrimento das razões por que o fazem. Muitos bibliotecários veem o acervo, e não a comunidade, como sua ocupação. Muitas bibliotecas buscam sobreviver em vez de inovar, e promover a paixão pela leitura em vez de empoderar populações a que servem (Lankes, 2016, p. 23-24). É necessário que atuemos como bibliotecários em toda a sua completude, não somente nos apegando a um aspecto da profissão, seja técnico ou social/humanista.

Parada (2015) afirma que o desafio imposto ao bibliotecário contemporâneo consiste em assumir seu papel como líder, sobretudo nas redes sociais da web 2.0 ligadas ao seu local de atuação, conformando a biblioteca como nó central e ativo propulsor de encontros presenciais e novas conversas promovidas pelas redes sociais, inserindo-a como “terceiro lugar de encontro”.

No dia 31 de janeiro de 2017, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizou o Workshop Bibliotecário do Futuro, em que promoveu debates sobre cinco temas: a atitude do bibliotecário, o bibliotecário e o seu relacionamento com a tecnologia, bibliotecários e seus concorrentes, o papel cultural e social e mercado de trabalho do bibliotecário. Após a discussão dos cinco temas mencionados, a conclusão das discussões foi compilada e tabulada em uma Matriz Swot a fim de apresentar à assembleia os resultados das discussões. Na referida matriz, foram delineadas as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças detectadas pelos participantes do Workshop acerca do bibliotecário do século XXI.

Como força do bibliotecário, foram apontadas como elementos a ressignificação do papel do bibliotecário na sociedade atual; a proatividade; a identidade do bibliotecário como profissional da informação; a atuação desvinculada aos ambientes

considerados tradicionais da profissão; e a, regulamentação da profissão e competência profissional presentes na legislação. Por outro lado, foi percebida como fraquezas a estagnação justificada pela regulamentação da profissão; a identidade e atuação relacionadas exclusivamente a bibliotecas físicas; a falta de proatividade da classe profissional; a defasagem do currículo acadêmico; e a, cultura do papel do bibliotecário. Como oportunidades para o bibliotecário, foram apontadas o crescimento do mercado de informação e o avanço das tecnologias de informação e comunicação somada à necessidade crescente de informação na sociedade atual. Como ameaças, as instabilidades do mercado de informação; a versatilidade no perfil dos concorrentes; a diminuição dos cargos públicos; e, as mudanças no perfil do usuário.

Podemos observar que alguns dos tópicos se repetem, ora como aspecto positivo, ora como um aspecto vulnerável do profissional. Isso ocorre porque apresentam características diferentes e ao mesmo tempo aspectos que podem ser compreendidos sob diferentes pontos de vista, conforme pontua Gottschalg-Duque e Santos (2018). Contudo, há uma característica que se revela como um diferencial e uma força para o bibliotecário contemporâneo e sua ausência são concebidos como uma fraqueza: se trata da proatividade, que é a iniciativa de explorar e desenvolver habilidades, sobretudo, porque na contemporaneidade, muitos postos de trabalhos voltados à informação e ao seu fluxo, são ocupados por pessoas que desenvolveram habilidades e competências profissionais para tal finalidade, não necessariamente a partir de sua vinculação com a formação originária. Assim sendo, antes de se preocupar em conhecer todas as inovações tecnológicas, é necessário que o bibliotecário reconheça o seu papel social de impulsionar a melhoria das comunidades por meio do seu trabalho.

3 PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DA ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA

Tendo em mente o papel essencial do bibliotecário na sociedade contemporânea, seguimos na discussão acerca das perspectivas contemporâneas da Biblioteconomia e da atuação bibliotecária. Conforme mencionado anteriormente, as bibliotecas no cenário atual mais do que nunca devem ocupar o seu lugar secular de aprendizagem. De acordo com Carneiro e Saro (2009, p. 422), as bibliotecas são componentes essenciais do processo de ensino aprendizagem devido a sua posição estratégica de organizar e dar acesso à informação; de dispor de recursos humanos qualificados para informar, orientar e gerir a informação; além de, por meio da automatização da informação, possibilitar o acesso aos produtos e serviços informacionais em qualquer lugar.

A partir de Carneiro e Saro (2009), podemos destacar como elementos essenciais das bibliotecas na contemporaneidade a aprendizagem e a construção do conhecimento por meio do acesso à informação sistematizada e a seus produtos e serviços disponíveis em qualquer lugar e, em especial, a centralidade que é dada ao sujeito informacional, tal como também podemos verificar por meio de Lankes (2011) na perspectiva da Nova Biblioteconomia, e em outros autores contemporâneos da área. Nesse sentido, Mund (2015) pontua que uma biblioteca na cidade de Aarhus, na Dinamarca, a biblioteca DOKK 1 adotou um novo conceito de biblioteca: “um local para todos aqueles com fome de conhecimento”.

[...] Tudo é gratuito e equipado com novas e modernas tecnologias, que incluem uma impressora 3D. Ali, ler romances, escutar música e jogar xadrez no computador é tão importante quanto estudar livros especializados [...] "As

bibliotecas do futuro devem realmente inspirar as pessoas, mesmo sem livros", constata Knud Schulz, diretor-geral da DOKK 1. Foram mais de dez anos de planejamento e implementação. Por todos os lados, há espaço para encontros e trocas. Uma área para pais e filhos, sala de brincadeiras, sala de leitura com vista para o porto e zonas de silêncio para estudo dão ao local um caráter cosmopolita" (Mund, 2015).

De acordo com Saro e Carneiro (2009, p. 424), podemos assinalar alguns objetivos e características estratégicas das bibliotecas no tocante a aprendizagem, conforme podemos ver a seguir:

- Facilitar a experiência de aprendizagem mediante a interação com os suportes informacionais, com as pessoas e com a tecnologia. Tal objetivo é essencial na contemporaneidade porque nos dá o entendimento de que bibliotecas e bibliotecários contribuem com a criação do conhecimento dando acesso não somente aos livros e demais suportes informacionais, mas também dando acesso a pessoas e a recursos tecnológicos.
- Possibilitar que as comunidades possam colaborar num mesmo espaço comum em projetos conjuntos através da utilização dos recursos digitais e impressos num ambiente aberto;
- Potencializar o acesso à informação, independentemente do suporte de forma fácil, rápida e organizada, promovendo o fluxo da informação, ao aproximar das fontes quem necessita;
- Programar o crescimento das distintas coleções bibliográficas, assim como oferecer uma solução integrada de múltiplas funcionalidades, permitindo ao utilizador o acesso direto a todo o tipo de informação local ou remota, num claro contexto de convergência entre os conteúdos tradicionais e os conteúdos digitais;
- Ser um espaço destinado às atividades culturais, atividades que devem ser programadas juntamente com a comunidade atendida, de modo a garantir o protagonismo social no processo de construção do conhecimento.

Nesse aspecto, o diretor da Biblioteca DOKK1, Knud Schulz, afirma que o futuro está na aprendizagem ao longo de toda a vida e no intercâmbio entre gerações (Mund, 2015). Saro e Carneiro (2009) defendem a ideia de que as bibliotecas devem atuar como Centro de Recursos para a Aprendizagem e Investigação (CRAI) para apoiar as tarefas de ensino e aprendizagem e para isso, pontuam que ela deve ser "mais que um edifício, centro físico ou espaço concreto, há que considerá-lo um conceito, ideia ou filosofia".

Os autores defendem que adaptar a biblioteca aos diferentes espaços em conformidade com as necessidades de aprendizagem da comunidade atendida, proporciona melhores condições de aprendizagem e investigação dando espaço à formação contínua. Nesse sentido, essa perspectiva propõe uma nova configuração aos papéis e responsabilidade do bibliotecário. Nesse sentido, o diretor da referida biblioteca dinamarquesa, Schulz afirma que "O conhecimento se forma em espaços que propiciam trocas entre as pessoas" (Mund, 2015), tal como pontua Lankes (2011), ao dizer que o bibliotecário atua no negócio do conhecimento e a biblioteca contemporânea deve ser o espaço seguro para a criação do conhecimento coletivo e/ou colaborativo.

O ambiente colaborativo está em crescente movimento na contemporaneidade, sendo realizado com muitas interações sociais, sendo atrelado à web 2.0 ou web 3.0. A web 2.0 se consolidou nos anos 2000 e foi se desenvolvendo em conformidade com a evolução tecnológica e das demandas dos usuários que se tornaram protagonistas no processo de uso, consolidação e construção das tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, a web 3.0 se refere a uma versão da web 2.0 que proporciona interação ainda mais inteligente entre o mundo virtual e o mundo virtual, que coexistem. De acordo com Jesus e Cunha (2019, p. 320), a era da web 4.0 será caracterizada pela permanente conexão entre a tecnologia e o ser humano, os sujeitos estarão “sempre ligados”, como se a tecnologia fosse uma extensão do ser humano. “Isso já é visível nas gerações mais novas que possuem uma percepção diferente entre mundo real e virtual em relação às gerações mais antigas” (Jesus; Cunha, 2019, p. 320).

Jesus e Cunha (2019, p. 327) pontuam que as ferramentas da web podem contribuir com as bibliotecas, disponibilizando produtos e serviços para os seus usuários, inserindo-se no ambiente digital. Muitas bibliotecas oportunizam a educação de usuários oferecendo treinamentos utilizando recursos da web, assim como já realizam atendimento, por meio do serviço de referência, de forma síncrona ou assíncrona. No tocante as bibliotecas, Ahmed (2015) exemplifica que a interação tem ocorrido a exemplo da web 2.0, 3.0 e 4.0, sobretudo, com o uso dos livros digitais interativos.

Jesus e Cunha (2019) afirmam que o conceito de “confiança radical” é um instrumento para a construção da nova biblioteca e é um princípio fundamental da Biblioteca 2.0. Collin Douma cunhou o termo em 2006 como uma nova estratégia de marketing que abraçou a ideia de envolver os consumidores e a comunidade de forma aberta para melhorar a confiança do consumidor e construir uma marca mais forte. No contexto das bibliotecas, a confiança radical é uma consequência do entusiasmo do bibliotecário pela colaboração, empoderamento e capacitação dos usuários, facilitados pelo uso das comunidades virtuais, como os blogs e redes sociais (Harmeyer, 2014, p. 16). David Harmeyer (2014) pontua que Ranganathan abordou elementos do que podemos considerar como “confiança radical”. O autor menciona a terceira lei da Biblioteconomia “todo livro tem seu leitor”, que pela perspectiva da “confiança radical” pode ser interpretada como sendo o leitor a parte mais significativa do processo de seleção e aquisição do acervo (Harmeyer, 2014). Com a nova configuração da web, essa interpretação pode ser ampliada, dando ênfase aos *ebooks*, bases de dados e nas demais demandas apresentadas pelos usuários.

Jesus e Cunha (2019) mencionam que o conceito de “confiança radical” foi estabelecido mirando nos softwares abertos, o que nos permite conceber que os usuários são todos iguais no tocante a poder e acesso. Lankes (2011) defende a ideia de biblioteca participativa no sentido de possibilitar que todos os membros da comunidade possam participar ativamente das tomadas de decisões das bibliotecas, como membros, de fato.

Desta forma, a essência se aplica equitativamente às bibliotecas, onde os bibliotecários devem confiar que seus usuários sejam capazes de produzir e compartilhar conteúdos igualmente ricos, proporcionando uma troca de experiências muito maior do que a relação anterior de hierarquia com decisões unilaterais tomadas pelos bibliotecários para a gestão da biblioteca. Ainda no escopo da confiança radical está também a ideia de uma biblioteca participatória (do original em inglês: participatory library) (Jesus; Cunha, 2019, p. 314).

A ideia de participação no âmbito da Biblioteconomia parte do princípio de que deve haver uma conversa contínua entre os usuários e o bibliotecário como um facilitador. "A biblioteca participativa faz reivindicação em pelo menos quatro áreas da biblioteca: referência, desenvolvimento de coleção, planejamento estratégico e publicidade" (HARMEYER, 2014). De acordo com Jesus e Cunha (2014), outra característica da biblioteca participatória ou biblioteca participativa é o desenvolvimento de espaços de criação e colaboração, como os *makerspaces*, que propiciam o engajamento, a experimentação e aprendizagem. "Os *makerspaces* remete à ênfase na imersão em experiências virtuais" possibilitando acesso democrático irrestrito a informação e as inovações tecnológicas por todas as classes sociais" (Jesus; Cunha, 2019, p. 318). Nesse sentido, pensando nas bibliotecas, pode-se afirmar que elas já atuam como *makerspaces* há um tempo, porque proporcionam equipamentos para criar e acessar a informação há certo tempo. No entanto, é recente a concepção da biblioteca como espaço, conforme mencionado anteriormente. Trata-se de uma perspectiva contemporânea, a ênfase no espaço físico da biblioteca para além de seu acervo físico.

Na Alemanha, a intitulada "sala de conversação" é um exemplo de *makerspace* e é palco de leituras em diversos idiomas e foi criada na Biblioteca de Colônia para servir de ponto de encontro de refugiados e de todos que necessitam aprender o idioma alemão (MUND, 2015). O nome dado ao espaço disponibilizado para estabelecer o diálogo e aprendizado, "sala de conversação", vai de encontro à perspectiva da Nova Biblioteconomia de Lankes (2011) que assinala que o conhecimento é construindo por meio das conversas, tal como a teoria utilizada para embasar essa concepção, a Teoria da Conversação.

Nesse sentido, Jesus e Cunha (2019, p. 317) afirmam que as bibliotecas podem explorar o potencial de seus espaços ofertando "treinamento em letramento em informação, pesquisa guiada, ser uma ponte entre o abismo digital, pesquisa em biblioteconomia incorporada (do original em inglês, *embedded librarianship*) e suporte à comunidade".

Ribeiro (2021) pontua que o termo inglês *embedded librarian* não possui uma tradução consolidada na literatura da área e tem relação direta com os seguintes termos: bibliotecário de *enlace*, *liaison librarian*, *personal librarians*, bibliotecário integrado, bibliotecário embutido, bibliotecário conectado, bibliotecário incorporado, bibliotecário embarcado, procurador informacional, bibliotecário de dados entre outros. Nesse sentido, o termo se refere ao movimento de atuação dos bibliotecários fora das bibliotecas, com uma proximidade maior com o usuário criando um novo modelo de trabalho com informação e bibliotecas. Em linhas gerais, como a tendência geral da Biblioteconomia contemporânea, se trata de focar no usuário e não somente na biblioteca, como outrora; fazendo parte do contexto em que se está inserido.

Consonante com o momento contemporâneo de evolução tecnológica, web semântica e reorientação da atuação dos usuários nas redes, vivemos o movimento mundial de acesso livre à informação. Contudo, faz-se necessário ressaltar que o movimento por acesso aberto da informação tem como antecessor o Projeto Gutenberg (*Gutenberg Project*), lançado por 4 de julho de 1971, por Michael Hart, que viabilizou a distribuição digital gratuita de livros. No Brasil, esse movimento é liderado pelo Instituto

Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão nacional de informação, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

O marco inicial do movimento *Open Archives Initiative* ou Iniciativa dos Arquivos Abertos (OAI) em prol da ciência surgiu na década de 1990 e pretendia provocar mudanças nos modelos vigentes de armazenamento, disseminação, visibilidade e acesso às pesquisas científicas, por meio do: auto arquivamento pelos autores; metadados padronizados para descrição; acesso livre à produção científica e o Protocolo OAI (Targino, 2010, p. 45 ; Galvino; Rosa; Oliveira, 2020). As primeiras iniciativas de apoio ao movimento acesso aberto são as seguintes: a Convenção de Santa Fé (1999); a Declaração de Budapeste (*Budapest Open Access Initiative* - BOAI/2002); a Declaração de Bethesda (2003), a Declaração de Berlim (2003); a Declaração de Haia (2014); e, a Declaração do México (2018).

De acordo com Galvino, Rosa e Oliveira (2010, p. 43), dentro da perspectiva do movimento de acesso aberto, surgiu à via verde, que privilegia publicação em repositórios institucionais, temáticos e de dados; e, a via dourada, que privilegia e promove a publicação em periódicos de acesso aberto, contra o alto custo das assinaturas de revistas científicas publicadas por editoras privadas.

No tocante ao acesso aberto, retomando a perspectiva do sonho de uma biblioteca universal que acompanha a humanidade por séculos, capaz de armazenar e permitir acesso a todo registro de conhecimento produzido mundialmente, surge uma iniciativa polêmica em torno do acesso à informação, o inicialmente denominado *Google Books Search*. O projeto de digitalização se inicia nos anos 1990, quando os fundadores do Google, Larry Page e Sergey Brin, na ocasião, alunos do curso de Ciência da Computação, desenvolviam um projeto de pesquisa apoiado pelo *Stanford Digital Library Technologies Project* (Google Livros, s.d. ; Assunção; Reis, 2012).

[Em 2002] Um pequeno grupo de Googlers lança oficialmente o projeto secreto "livros". Eles começam a conversar com especialistas sobre os desafios à frente, começando por uma pergunta simples, mas crucial: quanto tempo levaria para digitalizar todos os livros do mundo? A conclusão, por mais estranho que pareça, é que ninguém sabe. Bem ao estilo Google, Larry Page decide experimentar sozinho. Um dia, no escritório, ele e Marissa Mayer, uma de nossas primeiras gerentes de produto, usam um metrônomo para manter o ritmo enquanto viram metodicamente as páginas de um livro de 300 páginas. Demora 40 minutos para eles chegarem ao final (Google Livros, s.d.).

A iniciativa do Google se iniciou em 2004 com o anúncio da digitalização de cerca de 15 milhões de livros de bibliotecas norte americanas e britânicas, com o objetivo de criar a maior biblioteca digital do mundo. Em meio a parcerias, críticas e controvérsias ao Google Books, o mercado editorial e gestores de bibliotecas ao redor do mundo reagiram com preocupação: o sonho da biblioteca universal estaria sendo reavivado ou se tratava da constituição do maior monopólio de conhecimento e a possível extinção das bibliotecas? (Assunção; Reis, 2012).

Corroborando a isto, temos outro movimento internacional de crescente interesse, o *e-Science*, que se trata do uso de tecnologias de informação e comunicação avançadas que possibilitam uma transformação no método científico. Nesse sentido, para gerenciamento da produção do conhecimento científico, o *Research Data Management* (RDM) pode ser um instrumento de auxílio, que no contexto das

bibliotecas, sugere que a instituição tenha um papel ativo no processo de produção do conhecimento científico, sobretudo, no tocante ao armazenamento, gerenciamento, preservação, uso e reuso dos dados gerados durante a pesquisa científica. Jesus e Cunha (2019, p. 329) mencionam que, no caso das bibliotecas universitárias se acentua, tornando-a protagonista na gestão de dados de pesquisa, acompanhando desde o armazenamento dos dados ao seu compartilhamento para a comunidade.

A gestão de dados de pesquisa exige que a biblioteca acompanhe de perto o desenvolvimento da pesquisa científica na sua instituição. Esse papel vai de encontro ao que foi discutido na seção do makerspace quando o *embedded librarian* recebe especial atenção no desenvolvimento de novos serviços (Jesus; Cunha, 2019, p. 329).

Arroyo Vázquez (2016) sinaliza que uma das principais fontes de inovação nas bibliotecas nos últimos anos é associada à aplicação das tecnologias de informação e comunicação nos serviços fornecidos, no entanto, não é a única. Desde o surgimento dos smartphones, como *iPhone* em 2007, o uso dos dispositivos móveis vem crescendo e impactando a comunicação e o acesso à informação. Os dispositivos móveis têm facilitado está à realidade aumentada, que precisa de todos os elementos que os dispositivos móveis oferecem aos seus usuários: uma câmera que capture a realidade; um ou vários pontos de referência que identifiquem os conteúdos que serão exibidos, uma tela que mostre o resultado final e, um aplicativo que gerencie todo o processo. De acordo com o autor, o termo “realidade aumentada” não é novo, remonta aos anos 1990 quando foi cunhado por Tom Claudell e David Mizell e se tornou tema de interesse para a comunidade científica.

O uso da realidade aumentada em bibliotecas remonta a 1995, com o *Ubiquitous Talker* que consistia em um sistema portátil provido de uma tela, uma câmera, um microfone e um alto-falante e que fornecia informações sobre a biblioteca e relacionadas com os objetos disponibilizados. O uso do *Ubiquitous Talker* na biblioteca consistia em guiar o usuário na busca de um livro interagindo por meio da linguagem natural (Nagao; Rekimoto, 1995). Arroyo Vázquez (2016) afirma que houve o desenvolvimento de outra iniciativa semelhante, intitulada ARLib, que consistiu na criação de um dispositivo de realidade aumentada que auxiliava o usuário na localização de livros nas estantes baseada em marcadores. De acordo com o autor, a diferença dessas propostas iniciais é que elas foram originárias na área de engenharia informática e iniciativas posteriores são oriundas de iniciativas de bibliotecários (Arroyo Vázquez, 2016).

Diante do exposto, podemos assinalar que a Biblioteconomia contemporânea, assim como o movimento da sociedade contemporânea, se adapta as mudanças sociais e contemporâneas e se pauta na promoção da aprendizagem, da participação e do engajamento social com o apoio do bibliotecário que, em conformidade com as transformações sociais, deve alinhar suas habilidades e competências de modo a proporcionar que as comunidades usufruam da informação e construam conhecimento. Conforme pontua Lankes (2016, p. 22), “com o advento da internet e de uma nova era digital, bibliotecários novamente apontam o caminho para uma sociedade melhor, fundada no respeito aos diversos pontos de vista”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as perspectivas da Biblioteconomia contemporânea podemos assinalar o impacto das tecnologias de informação e comunicação no tocante ao acesso e disponibilização dos produtos e serviços informacionais; o uso das bibliotecas como *makerspaces* e terceiro lugar; a concepção de Nova Biblioteconomia que nos reorienta o olhar para a importância de decolonizar o conhecimento das comunidades por meio da atuação dos bibliotecários como facilitadores da construção do conhecimento. As bibliotecas na contemporaneidade deixam o seu papel passivo de espera por quem necessite de informação e passa atuar indo ao encontro de quem necessita de informação e estabelecendo parceria com a comunidade que também é detentora de conhecimentos.

Vivemos realidades muito distintas em nosso país, em todos os aspectos. Muitas são as inovações tecnológicas, que dia após dia, redireciona a maneira como nos relacionamos, como registramos, buscamos e acessamos a informação. No tocante as bibliotecas, há instituições que tem acesso a diferentes aparatos tecnológicos e podem atender com todo o seu potencial; há instituições totalmente desprovidas de recursos, que ainda operam com as antigas fichas de empréstimo; e, há instituições que desconhecem a importância da biblioteca, independentemente de seus recursos e a subutilizam. Nesse cenário, a Biblioteconomia contemporânea se configura neste momento com a perspectiva de resgatar a sua função social de oportunizar espaço, fomentar a construção do conhecimento e dar acesso à informação.

As bibliotecas no cenário atual mais do que nunca devem ocupar o seu lugar secular de promotoras da aprendizagem e da construção coletiva do conhecimento. Assim sendo, para continuarmos construindo essa Biblioteconomia voltada as demandas sociais, se faz necessário a compreensão da sociedade contemporânea e das comunidades. O trabalho biblioteconômico deve ser desenvolvido em parceria com as pessoas, não mais numa posição hierárquica de detentor do conhecimento, das fontes e recursos informacionais. Dar o protagonismo a comunidade, aos saberes das comunidades e possibilitar que em conjunto construam novos conhecimentos é uma nova maneira de enxergar e exercer a Biblioteconomia contemporânea.

REFERÊNCIAS

AHMED, Waqar. Third generation of the web: libraries, librarians and web 3.0. **Library Hi Tech News**, v. 32, n. 4, p. 6-8, 2015.

ARROYO VÁZQUEZ, Natalia. Experiències de realitat augmentada en biblioteques : estat de la qüestió. **BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació**, n. 36, jun. 2016. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1344/BiD2016.36.3>. Acesso em: 11 abr. 2023.

ASSUNÇÃO, Renato Vieira; REIS, Cley Arthur Miranda. O futuro das bibliotecas pós Google Books. **DataGramZero: Revista de Informação**, v. 13, n. 6, dez. 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 20 jul. 2023.

CARNEIRO, Luís Filipe Vieira; SARO, José António Videira. A biblioteca como Centro de Recursos para a Aprendizagem e Investigação (CRAI) para apoio às tarefas de ensino e aprendizagem. *In*: BORGES, M. M.; CASADO, E. S. **A ciência da informação criadora do conhecimento**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009. v. 1, p. 419-430. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/31930/1/33-%20a%20ci%C3%Aancia%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20criadora%20de%20conhecimento%20vol%20I.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. **Biblioteconomia contemporânea: desafios e realidades**. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FONSECA, Edson Nery da. Importância da biblioteca nos Programas de Alfabetização e Educação de Base. **Revista do Serviço Público**, v. 94, n. 3, p. 99-108, jul./set. 1962. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/3003/1819>. Acesso em: 06 jul. 2022.

GALVINO, Claudio Cesar Temoteo; ROSA, Maria Nilza Barbosa; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. O movimento de Acesso Aberto e a Ciência Aberta: uma proposta de repositório de dados e memória na Universidade Federal de Alagoas. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, n. 1, p. 34-45, jan./abr. 2020.

GOOGLE LIVROS. Sobre a Pesquisa de Livros do Google. Disponível em: <https://books.google.com.br/intl/pt-BR/googlebooks/history.html>. Acesso em: 07 jul. 2022.

GOTTSCHALG-DUQUE, Cláudio; SANTOS, Jhonathan D. F. A concorrência do bibliotecário no século XXI. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2018. p. 47-66.

HARMEYER, David. Radical trust: a user-librarian shared model. *In*: LEEDER, K.; FRIERSON, E. (Ed.). **Planning our future libraries: blueprints for 2025**. Chicago: ALA, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276920483_Planning_our_future_libraries_Blueprints_for_2025. Acesso em: 26 jun. 2022.

JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca do futuro: um olhar em direção ao presente. **Informação e Informação**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 311-334, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38022/pdf>. Acesso em: 08 jan. 2020.

KLINENBERG, Eric. To restore civil society, start with the library: this crucial institution is being neglected just when we need it the most. **The New York Times**, 8 set. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/09/08/opinion/sunday/civil-society-library.html>. Acesso em: 07 jul. 2022.

LANKES, R. David. **The Atlas of New Librarianship**. Cambridge: The MIT Press, 2011.

LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: FEBAB, 2016.

LIMA, Aldenira da Costa; TERLIZZI, Laura Cielavin Machado; FERREIRA, Micheline; VALLS, Valéria Martin. Inspirações biblioteconômicas: ideias para aproximar as bibliotecas de suas comunidades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-33, 2021.

MACEDO, Iara Ferreira de. A ideologia na Biblioteconomia: uma reflexão. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, p. 210-221, set. 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-29.

MUND, Heike. A biblioteca do futuro. **Deutsche Welle**, 9 nov. 2015. Disponível em: <https://amp-dw-com.cdn.ampproject.org/c/s/amp.dw.com/pt-br/a-biblioteca-do-futuro/a-18836204>. Acesso em: 07 jul. 2022.

NAGAO, Katashi; REKIMOTO, Jun. Ubitous Talker: spoken language interaction with real world objects. **Arxiv**, v. 1, 23 maio 1995. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/cmp-lg/9505038v1>. Acesso em: 04 jul. 2022.

PARADA, Alejandro E. Hacia un inventario provisional de las tendencias en Bibliotecología y Ciencia de la Información. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, v. 33, dez. 2015. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/1890/1796>. Acesso em: 22 jun. 2022.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 46-95. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001826107.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.

RIBEIRO, Nivaldo Calixto. Embedded librarian: rompendo as barreiras da função do bibliotecário guardião do conhecimento. **Ciência da Informação Express**, v. 2, n. 1, jan. 2021. Disponível em: <https://www.cienciainformacaoexpress.com/post/embedded-librarian-rompendo-as-barreiras-da-fun%C3%A7%C3%A3o-do-bibliotec%C3%A1rio-guardi%C3%A3o-do-conhecimento>. Acesso em: 27 jun. 2022.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; SILVA, Daniela Cândido da. Biblioteconomia social, crítica e progressista: mapeamento da produção científica nacional e internacional. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v. 3, n. 1, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/18371/12151>. Acesso em: 29 jan. 2020.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas?. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010.

TARGINO, Maria das Graças. **Olhares e fragmentos**: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação. Teresina: EDUFPI, 2006.